

FAMÍLIA

Não gosto muito de falar dos outros, porque sou cheio de defeitos. E tenho principalmente êsse de súbitamente me interessar por assuntos em que nunca morei, como diz o vulgo.

Mas êsse distinto casal Amaral Peixoto parece que lhe deu uma aragem de novidades, entre o verão e o outono — o que me faz um tanto inquieto. Vemos a senhora dona Alzira, que, segundo parece, sempre foi muito boa pessoa, metida súbitamente numa Comissão de Agricultura da Conferência Interamericana de Trabalho — e metida por *ciraa*, como presidente. No que parece muito à vontade, pois nos fala dos problemas do homem rural com uma perfeita desenvoltura. Ainda bem que ela nos diz que êste século será conhecido no futuro, como o das cobaias.

Mas não é apenas o homem da roça que está destinado a servir de cobaia. Do outro lado do casal temos o bravo comandante Peixoto, que, no mesmo instante que sua senhora sofria um ataque de ruralismo, teve uma crise aguda de constitucionalismo. Deu para revisionista, o comandante. Deixando de lado os problemas do Estado do Rio que, afinal, lhe competem, agita os meios federais com sua súbita, imperiosa cócega constitucional. Sua cobaia, dêste, é o regime, que desadora — não talvez, pelo como as coisas vão, mas pelo como terão de ir, ao fim de certo e curtíssimo, prazo de governo.

Já o dr. Lutero, que é deputado, parece que algum pobre lhe disse que ia lhe escrever e não pôde, por não ter o dinheiro dos selos. Vem êle com um projeto graças ao qual, querendo qualquer um de nós, eleitores, pedir ou reclamar coisas dêles, deputados, não pagaríamos selo. Uma idéia boa seria fazer mais larga a isenção, estendendo-a, por exemplo, a toda correspondência dirigida a seu pai e presidente nosso — pois nem todos os deputados juntos prometeram jamais tanto como êsse senhor sôzinho.

Farei com que minha cozinheira lhe escreva, ao presidente, pedindo, por favor, que nos mande, pelo reembolso postal, alguns quilos de carne a seis cruzeiros o quilo. Que bois é que lhe não faltam. Digo que direi à minha cozinheira para escrever que ela lhe deu o voto; não eu, que andava fora e, como não votei nem fui votado, não tenho afinal, culpa de nada.

Nem eu, nem, digamos honestamente, o coronel Benjamim Vargas. A êsse tiremos o chapêu aqui, e hoje, coisa que não poderíamos fazer durante o Estado Novo. E esta homenagem não vai pelo que êle tem feito, mas pelo seu silêncio, e sossego. A idade lhe deu sabedoria; que dê também, alguma, a seus sobrinhos, e se possível (já não será cedo) a seu conhecido irmão.

30/4/52

R. B.